

AÇÃO ESPÍRITA



Nº 152 - ANO 35 - DEZEMBRO DE 2025 - EDIÇÃO DIGITAL

“O espírita sério não se contenta em crer: ele crê porque compreende, e só pode compreender recorrendo ao raciocínio.” – Allan Kardec (*O Céu e o Inferno*)

COBRIR UM SANTO E DESCOBRIR OUTRO

Donizete Pinheiro

ESSE É UM DITADO POPULAR, usado para ilustrar a ideia de que uma ação, destinada a corrigir uma falha, acaba por gerar outra falha ou problema.

Consta que teria surgido de um costume da Igreja Católica Romana denominado *velatio*, praticado durante a Quaresma. Para que os fiéis se devotassem apenas ao essencial da liturgia da Páscoa – a paixão, morte e ressurreição de Cristo –, recomendava-se que se cobrissem as imagens dos santos.

Assim, se ao cobrir um santo outro fosse descoberto, de nada adiantaria a providência.

É uma prática hoje em desuso, por ter perdido seu sentido original.

No entanto, não raro observamos a aplicação desse aforismo na rotina de nossas vidas.

Um exemplo comum é quitar uma dívida usando o cartão de crédito – ou seja, a dívida continua existindo. Outro exemplo: limpar a sala empurrando a sujeira para o quintal – a sujeira permanece na casa.

Nas relações pessoais, também podemos imaginar situações semelhantes. Preocupado com o afastamento de um filho, procuro dar mais atenção a ele, mas acabo me distanciando de outro, que então reclama carência. Ou quando tomo partido numa discussão entre amigos, agradando um e desagradando o outro.

No movimento espírita, vemos ocorrências semelhantes envolvendo nossos companheiros.

A mais comum decorre do fato de irmãos que assumem atividades em determinado setor do centro espírita, mas aceitam outros compromissos no mesmo dia e horário, seja na mesma instituição ou em outra.

A boa ordem e a eficiência de qualquer atividade espírita pressupõem que todos estejam conscientes do compromisso com Jesus, com os bons espíritos, com os companheiros e com a direção do centro espírita.

Ser voluntário significa apenas que a pessoa se integra à atividade espontaneamente, sem remuneração. Isso não a isenta, porém, de realizar o serviço com assiduidade, pontualidade, solidariedade, eficiência e respeito às regras e procedimentos.

Quando queremos fazer do nosso jeito, chegar na hora que dá ou faltar por qualquer outro motivo; quando não nos interessamos em aprender para realizar a tarefa da melhor maneira possível,



prejudicamos o trabalho e sobrecarregamos os companheiros.

Ser assíduo implica, inclusive, em não aceitar outra atividade espírita que nos faça faltar àquela à qual já estamos vinculados.

Alguns se justificam:

– “Ah, disseram que minha contribuição era importante nessa outra atividade.”

– “Eles tinham pouca gente e precisavam que eu fosse ajudar.”

– “Se eu faltar um dia, não tem importância, porque há mais pessoas na atividade.”

Mas seria esse um motivo realmente justo? Qual é o sentimento por trás dessa atitude?

Devemos assumir uma atividade quando podemos nos entregar a ela de corpo e alma, com boa vontade e dedicação. Somente assim merecemos o amparo dos bons amigos espirituais. Se não somos sérios no que fazemos, não conquistamos a confiança deles, nem a dos companheiros de trabalho, que deixam de contar conosco.

Resultado: não contribuimos de maneira eficiente nem em uma, nem em outra atividade.

Perante a Espiritualidade, seremos valorizados não apenas pelo que fazemos, mas especialmente pela forma como fazemos.

Vejamos a recomendação de André Luiz:

“Efetuar compromissos apenas no limite das próprias possibilidades, buscando solver os encargos assumidos, inclusive os relacionados com as simples contribuições e os auxílios periódicos às instituições fraternais. Palavra empenhada, lei no coração” (Conduta Espírita, cap. 18, psicografia de Waldo Vieira).

43º CONGRESSO ESPÍRITA DA REGIÃO DE MARÍLIA

A USE Intermunicipal de Marília, com o apoio da USE Regional de Marília, realizou o 43º Congresso Espírita da Região de Marília, no domingo 26 de outubro, das 9 às 15h, no salão nobre do UNIVEM-Centro Universitário de Marília.

O tema central foi: Jesus ou o Mundo?.

Após a abertura pelo presidente da USE Intermunicipal, Alexandre Domene, houve apresentação musical com Rodrigo e Meire, e de um grupo do departamento de artes com a música tema do congresso.

Em seguida, o expositor convidado, Geraldo Campetti, vice-presidente da Federação Espírita Brasileira (FEB), residente em Brasília/DF, abordou o tema central, proporcionando uma reflexão sobre os caminhos que escolhemos e o convite transformador do Cristo.

Após o intervalo para um café fraterno, ocorreu a roda de

conversa com a participação de Geraldo e de Donizete Pinheiro, presidente da USE Regional de Marília. O tema foi: Jesus e a liberdade individual.

Depois do almoço, o grupo teatral AME apresentou um ato da peça NATALEM NÓS.

Em seguida, aconteceu a segunda roda de conversa com o tema Jesus e a fluidez da vida moderna, com a participação de Campetti e de Francisco Carlos Leiva, secretário da USE Intermunicipal de Marília.

No encerramento, houve a entrega dos prêmios aos vencedores do concurso de poesias e fotografias e a apresentação do coral do Grupo Espírita Jesus de Nazaré.

Participaram do evento cerca de 350 pessoas.

O congresso de 2026 será realizado pela USE Intermunicipal de Garça.

43º CONGRESSO ESPÍRITA DA REGIÃO DE MARÍLIA
26.outubro.2025 – domingo

JESUS ou o MUNDO?

EXPOSITOR
GERALDO CAMPETTI
de Brasília, vice-presidente da FEB-Federação Espírita Brasileira

Horário: das 9 às 15 horas (recepção a partir das 8 h)

Local: UNIVEM (Av. Hygino Muzzi Filho, 529, Marília)

Inscrição gratuita até 16.10, pela internet (link divulgado)

Taxa para o almoço no local: R\$40,00 (quarenta reais)

Atividades para crianças de 4 a 10 anos

Informações: Alexandre (14) 98182-9699 – Karina (14) 98127-8831

APOIO



43º CONGRESSO ESPÍRITA DA REGIÃO DE MARÍLIA





43º CONGRESSO ESPÍRITA DA REGIÃO DE MARÍLIA





Senão quando perfeito

Orson Peter Carrara - Matão/SP

EM TODO TEXTO, MUITAS VEZES na linha de um parágrafo, há sempre detalhes que passam despercebidos numa leitura rápida, mas que trazem profundo significado, seja no todo ou no contexto específico de uma linha de raciocínio.

Veza por outra, numa leitura mais atenta, eles saltam aos olhos. O hábito de estudar e pesquisar permite descobrir esses tesouros ocultos, que, embora ali expostos e escritos, não são percebidos.

Os textos de Kardec são assim. Escritos há quase dois séculos, são fonte riquíssima de detalhes que, gradativamente, vamos descobrindo – seja pelo próprio amadurecimento do leitor, seja pela evolução das ideias, ou mesmo pelas modificações sociais que permitem identificar ângulos antes não percebidos, embora, quando descobertos, vejamos como são claros e óbvios.

Um deles – entre outros, claro – está no item 10 do capítulo 8, da obra O Evangelho Segundo o Espiritismo: “Bem-aventurados aqueles que têm puro o coração”.

A afirmação está inserida no terceiro parágrafo do item citado, no subtítulo “Verdadeira pureza - Mãos não lavadas”: “(...) o homem não chega a Deus senão quando está perfeito (...)”. O texto, em seu conjunto, está repleto de observações muito valiosas, antes e depois dessa afirmação em destaque. Mas vale avaliar, com calma, o alcance e a profundidade dessa afirmação.

Embora seja algo óbvio e claro o que ali está afirmado, notemos as perspectivas que se abrem para maior entendimento dos fundamentos do Espiritismo. Essas perspectivas envolvem a evolução – na qual estão inseridos o aprimoramento moral, as experiências da pluralidade das existências e outros aspectos – e também a perfeita compreensão das Leis de Deus, nas quais não há qualquer tipo de privilégio ou preferência. O esforço é individual, apesar das experiências coletivas, e o referido estado de perfeição – embora relativo, já que ninguém alcança o Criador – deve ser conquista do Espírito por meio de laborioso aprendizado.

Esse “está perfeito” traduz-se por total ausência de apegos ou malícias, libertação do egoísmo e do orgulho, das tolas vaidades, pretensões e outras posturas incompatíveis com a perfeição que a evolução produz no Espírito, embora o ritmo dessa evolução dependa do próprio protagonista, de seus esforços ou descuidos diante da questão.



Percebe-se, com clareza, que o interesse é nosso. Somos nós que devemos nos interessar e progredir para chegar a Deus. No texto onde a afirmação está inserida, todavia, o Codificador refere-se ao objetivo da religião, que é exatamente conduzir a criatura humana na direção dessa compreensão.

Sugiro ao leitor consultar o referido item 10. Afinal, não estamos solitários ou abandonados no processo de evolução. Vários outros meios e fatores nos ajudam nessa direção, mas a perfeição – repito, ainda que relativa – é fruto do esforço continuado de cada um, apesar da convivência coletiva, que muito influi em tudo isso.

Ressalte-se, com grande expressão, que se trata de um processo educativo – autoeducativo e, igualmente, por consequência, de contágio educativo para outras pessoas. Afinal, quando nos educamos, também educamos os outros. Da mesma forma que somos educados pela transformação alheia. Aliás, todo esforço pessoal no bem é educativo.

Nada de ilusões, portanto. A sabedoria do Criador assim estabeleceu. Prossigamos trabalhando por esse ideal nesse gigantesco processo de aprendizado.

MELHOROU?

Espitirinhas

WILTON PONTES



Atividades da USE Intermunicipal de Marília

O departamento de doutrina da USE Intermunicipal de Marília prosseguiu com suas tradicionais *lives* dos segundos sábados de cada mês.

No segundo semestre deste ano o tema central é: Questões da Mediunidade, uma abordagem da teoria e prática dessa faculdade que favorece o intercâmbio com os espíritos desencarnados, tendo por base especialmente O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec.

Em outubro, Karina Rafaelli, de Marília, abordou o

tema: O diálogo espiritual na reunião mediúnica.

Em novembro, Donizete Pinheiro, de Marília, falou sobre O preparo do médium na prática mediúnica.

Em dezembro, o expositor será o médico Décio Iandoli Junior, de Campo Grande/MS, com o tema: Saúde e Mediunidade.

As apresentações são pelo canal da USE Intermunicipal no Youtube e ficam postadas para quem quiser assistir posteriormente e compartilhar.



QUESTÕES DA MEDIUNIDADE



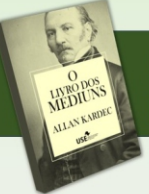
KARINA RAFAELLI
Marília/SP

O DIÁLOGO ESPIRITUAL NA REUNIÃO MEDIÚNICA

11.OUTUBRO.2025, SÁBADO, 15h

LIVE PELO CANAL DO YOUTUBE
USE INTERMUNICIPAL DE MARÍLIA

 DEPARTAMENTO DE DOUTRINA



QUESTÕES DA MEDIUNIDADE



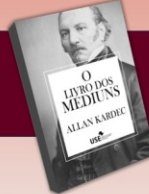
DONIZETE PINHEIRO
Marília/SP

O PREPARO DO MÉDIUM NA PRÁTICA MEDIÚNICA

08.NOVEMBRO.2025, SÁBADO, 15h

LIVE PELO CANAL DO YOUTUBE
USE INTERMUNICIPAL DE MARÍLIA

 DEPARTAMENTO DE DOUTRINA



QUESTÕES DA MEDIUNIDADE



DÉCIO IANDOLI JÚNIOR
Médico, presidente da AME/MS
Campo Grande/MS

SAÚDE E MEDIUNIDADE

13.DEZEMBRO.2025, SÁBADO, 15h

LIVE PELO CANAL DO YOUTUBE
USE INTERMUNICIPAL DE MARÍLIA

 DEPARTAMENTO DE DOUTRINA



Karina Rafaelli - Dep. Doutrina



Alexandre Domene



Donizete Pinheiro



Adriano Mazalli

O PREPARO DO MÉDIUM NA PRÁTICA MEDIÚNICA - USE Intermunicipal de Marília.

A força do trabalho em equipe no centro espírita

Karina Rafaelli - Marília/SP

“ORA, VÓS SOIS O CORPO DE CRISTO, E INDIVIDUALMENTE MEMBROS DESSE CORPO.”

— Paulo (1 Coríntios, 12:27)

Em sua carta aos Coríntios, Paulo compara a comunidade cristã a um corpo: cada membro tem uma função, e o bom funcionamento depende da integração e respeito mútuo.

Paulo também exorta à vigilância contra divisões e vaidades: “Rogo-vos, irmãos, que não haja entre vós divisões, mas que estejais unidos em um mesmo pensamento e parecer” (1 Coríntios 1:10).

Assim como a comunidade cristã primitiva, a casa espírita é o corpo, um espaço de acolhimento, aprendizado e serviço ao próximo. Para que sua missão se cumpra com harmonia e eficácia, é essencial que os seus membros atuem em espírito de cooperação, respeitando os princípios do Evangelho e as diretrizes estabelecidas pelo grupo gestor em vigência.

O trabalho em equipe, inspirado nos ensinamentos de Jesus e na vivência dos primeiros cristãos, fortalece os laços fraternos, distribui responsabilidades e favorece o crescimento individual e coletivo. Quando cada membro compreende o seu papel e age com humildade, o ambiente se torna mais leve, produtivo e espiritualmente enriquecedor.

Entretanto, há situações em que o progresso da casa espírita é comprometido por atitudes personalistas. Quando indivíduos colocam suas opiniões acima das decisões colegiadas, ignorando os consensos construídos pela diretoria, o estatuto e os regimentos, instala-se um clima de desarmonia. O personalismo, ainda que disfarçado de boas intenções, fere a proposta espírita de trabalho em conjunto e pode gerar conflitos, desmotivação e até afastamento de colaboradores.

Decisões não realizadas por resistência individual representam prejuízo direto à obra espírita. Projetos são interrompidos, tarefas ficam incompletas e o público assistido, que deveria ser o foco principal, acaba sendo negligenciado. É preciso lembrar que, na seara do Cristo, ninguém é maior que o grupo, e que o verdadeiro servidor é aquele que sabe ouvir, ceder e construir junto.

O próprio Allan Kardec, na Revista Espírita (1862), afirma que “todo grupo ou sociedade que se formar sem ter por base a caridade efetiva não terá vitalidade”. Ele destaca que os grupos espíritas devem se ver como membros de uma mesma família, unidos pelo ideal comum.

E em suas observações, o codificador também alerta contra a autossuficiência: “A pretensão de não mais necessitar de conselhos, e de se julgar acima de todos, é uma prova de insuficiência”. Isso reforça a necessidade de humildade e cooperação entre os tarefeiros.

Outro perigo, muito comum no voluntariado é o da omissão: quando os trabalhadores ou a equipe diretora da instituição não conseguem se posicionar, seguir as normativas doutrinárias e impedir práticas estranhas ao espiritismo,



abrindo espaço para desvios que confundem os frequentadores e enfraquecem a identidade espírita.

Portanto, que possamos cultivar o espírito de equipe, respeitar as decisões coletivas e combater, com caridade e firmeza, qualquer manifestação de vaidade, omissão ou autoritarismo. A casa espírita é um organismo vivo, e sua saúde depende da união sincera de seus membros. Como nos ensinou Emmanuel, “ninguém pode servir com eficiência sem aprender a trabalhar em conjunto”.

O espiritismo nos convida à vivência do Evangelho. Isso inclui saber colaborar, respeitar as decisões compartilhadas e preservar a fidelidade doutrinária, com firmeza e amorosidade. O verdadeiro tarefeiro espírita não busca protagonismo, mas, sim, servir com humildade, como ensinou Jesus: “O maior entre vós seja aquele que vos sirva” (Mateus 23:11).

Que 2026 seja um ano de mais cooperação, mais diálogo e mais coragem para dizer “sim” ao que edifica — e “não”, ao que desvia. Que cada trabalhador de centro espírita se inspire no exemplo dos primeiros cristãos, que “tinham tudo em comum e perseveravam unânimes” (Atos 2:44). E que possamos, unidos, construir um ambiente de paz, aprendizado e serviço.

Sigamos os passos do Mestre Jesus, inspirados pelos bons Espíritos em cada momento da jornada.

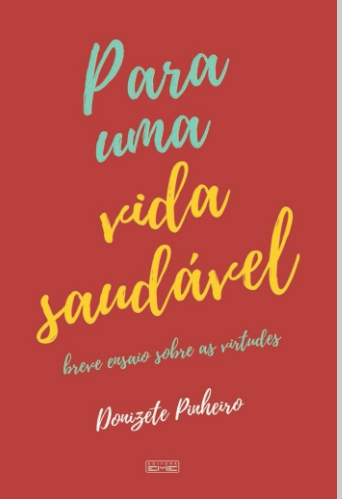
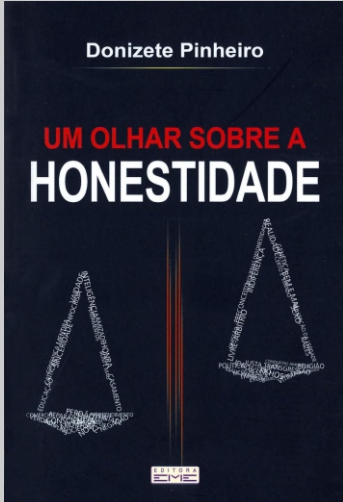
Agora em todas as regiões do Brasil
o número oficial do CVV
(Centro de Valorização da vida) é

188

A ligação é gratuita
de telefone fixo, celular
e orelhão 24 horas, todos
os dias da semana.

COMO VOI VOCÊ?

www.cvv.org.br



LIVROS de DONIZETE PINHEIRO

Em que deus você crê?

José Benevides Cavalcante - Garça/SP

“DEUS NÃO QUER SENÃO O BEM; O MAL PROVÉM INTEIRAMENTE DO HOMEM.”

— Allan Kardec (A Gênese)

Se você fizer uma consulta popular, com certeza concluirá que a maioria das pessoas afirma acreditar em Deus. Mas, se lhes perguntar como é esse Deus em que acreditam, provavelmente não obterá respostas convincentes. Em geral, as pessoas costumam cultivar uma crença sem refletir sobre aquilo em que creem: nunca se questionaram em que Deus, de fato, acreditam.

No geral – e talvez por causa da herança religiosa judaico-cristã em que fomos educados – aceitamos seus dogmas sem pensar no que eles realmente significam. Acreditamos que o papel da religião é simplesmente ditar a verdade e o nosso, enquanto adeptos, é o de aceitar o que ela diz, sem fazer perguntas.

Por outro lado, se você perguntar a essas mesmas pessoas o que elas realmente valorizam na vida – aí sim! – poderá formar uma ideia do que significa Deus para elas. Você compreenderá, então, qual é o Deus que cada uma delas parece cultuar.

O historiador israelense Yuval Noah Harari, autor do best-seller *Sapiens*, entrevistado pelo jornalista Pedro Bial, afirmou que a maior religião do mundo não é o cristianismo, nem o islamismo, nem o budismo ou qualquer outra grande religião: a maior religião de nosso tempo é o dinheiro – todo mundo está à sua procura.

O filósofo Bertrand Russell (1872–1970), ateu convicto e grande defensor da paz mundial, disse certa vez: “Homens cruéis acreditam num deus cruel e usam sua crença para desculpar ou justificar a crueldade. Somente homens bondosos acreditam num deus bondoso – e eles serão bondosos de qualquer jeito”.

Se você conhece a história bíblica, poderá responder com facilidade: por que o Deus de Jesus era diferente do Deus de Moisés? Ou, por outra: por que Moisés apresentou ao seu povo um Deus vaidoso, intolerante e violento, ao passo que, para Jesus, Deus é sinônimo de amor e compreensão?

Por que Moisés mostrou Deus como um rei ou soberano, pronto a demonstrar seu poder e a esmagar o primeiro que o desobedecesse, enquanto Jesus apresentou um Pai, capaz de compreender e perdoar as fraquezas de seus filhos?

É que esses dois personagens, Moisés e Jesus, embora pertencentes a um mesmo povo, viveram em épocas diferentes, separadas por mais de dez séculos. Suas necessidades e seus ideais eram distintos, pois viveram em contextos históricos diversos.

Quando se referia aos ensinamentos de Moisés, Jesus costumava dizer: “Diziam os antigos...” E concluía logo em



seguida: “Eu, porém, vos digo...” – ou seja, o que ele tinha a ensinar, naquele momento, já não era o que os antigos ensinavam.

Desse modo, apresentava suas novas propostas, suas novas versões de vida. Foi assim que seu novo mandamento, na verdade, não apenas substituiu os antigos, mas impulsionava uma nova compreensão que o homem passaria a ter de Deus.

Logo, não é difícil concluir que a crença em Deus está diretamente relacionada aos valores espirituais que cultivamos, de modo que podemos dizer que cada pessoa cria seu deus interior ou – se quiserem – cada um tem a sua própria concepção de Deus.

Certa vez, a mãe de um aluno perguntou ao professor Alfred Neill, diretor da Escola Summerhill, na Inglaterra – e também considerado ateu –, por que ele não ensinava Deus em sua escola. Neill questionou: “A que Deus a senhora se refere? Ao Deus que é capaz de condenar um filho ao sofrimento eterno ou ao Deus que compreende nossas fraquezas e limitações? Se é a este último, com certeza, nós o ensinamos, porque, nesta escola, procuramos ensinar o respeito e o amor”.

Allan Kardec afirma, em *A Gênese*, que o caráter de uma religião depende da concepção que essa religião tem de Deus – e é verdade! Religiões que proclamam um Deus de Amor tendem a ser tolerantes e fraternas, procuram unir e jamais separar as pessoas (independentemente de suas crenças), ao passo que religiões que pregam um Deus intransigente e exclusivo costumam agir com a mesma intransigência, ensinando-a aos seus adeptos.

Em que Deus você crê, prezado leitor?

Se, para você, o que vale na vida são o amor, o bem, a verdade e a justiça – então Deus é toda a grandeza desse seu imenso ideal.

Mas, se você costuma cultivar valores que revivem o materialismo, o poder da força, o preconceito e a opressão, com certeza o deus que você cultiva não passa de um deus feito à semelhança do mais mesquinho dos homens.



JESUS OU O MUNDO

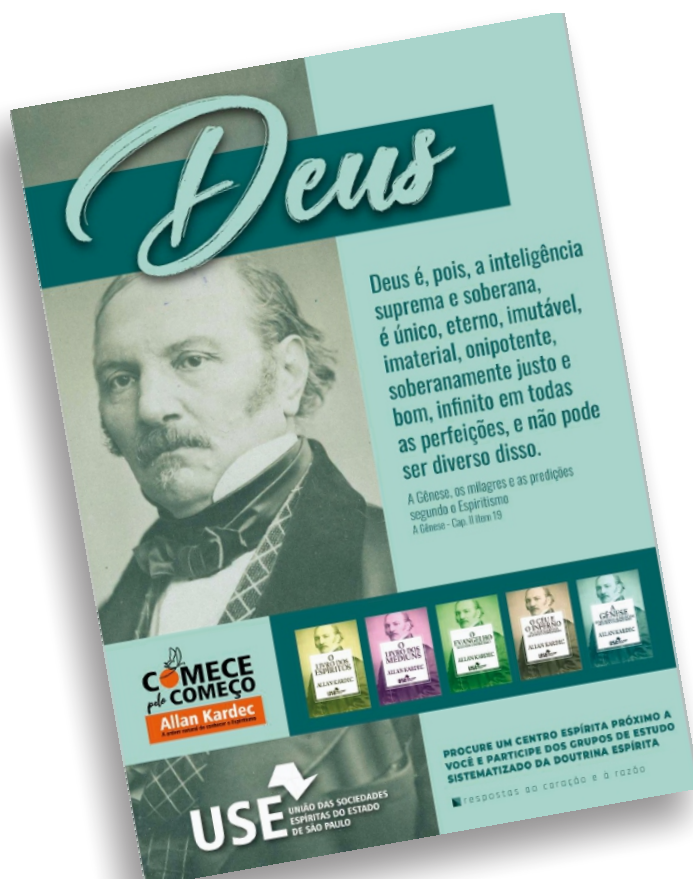
Se o mundo te convida a odiar,
Lembra de Jesus a perdoar;
Se o mundo te convida a vingar,
Lembra de Jesus a te amar.

Se o mundo ainda a guerra faz,
Lembra de Jesus pedindo a paz,
Que o outro é teu irmão
E merece compaixão,
Num abraço fraternal.

Se o mundo te pede tenha mais,
Que seja indiferente aos demais,
Não esqueça a caridade,
Que Jesus pede bondade
Ao espírito imortal.

Mas se o sol da alegria apagar
E o poço da dor for profundo,
Lembra de Jesus a te amar,
Que só ele é a Luz do Mundo.

Donizete Pinheiro
2025



Mensagem de Jesus

Aylton Paiva - Lins/SP

É A ÉPOCA DA CELEBRAÇÃO DO NATAL DE JESUS.

Nestes dias sentimos um clima de maior fraternidade. As pessoas se aprestam para as compras, para a tão esperada troca de presentes em família. As casas são enfeitadas e nelas soam as vibrações de alegria.

Sobre a sua vinda, é importante lembrar as reflexões de Emmanuel, psicografadas por Francisco Cândido Xavier:

..oo00oo..

“NATAL

“Glória a Deus nas alturas, paz na Terra e boa vontade para com as Homens.” – Lucas 2:14.

A legiões angélicas, junto à Manjedoura, anunciando o Grande Renovador, não apresentaram qualquer ação de reajuste violento.

Glória a Deus no Universo Divino.

Paz na Terra.

Boa vontade para com os Homens.

O Pai Supremo, legando a nova era de segurança e tranquilidade ao mundo, não declarava o Embaixador Celeste investido de poderes para ferir ou destruir.

Nem castigo ao rico avaro.

Nem punição ao pobre desesperado.

Nem desprezo aos fracos.

Nem condenação aos pecadores.

Nem hostilidade para com o fariseu orgulhoso.

Nem anátema contra o gentio inconsciente.

Derramava o Tesouro Divino pelas mãos de Jesus, para o Serviço da Boa Vontade.

A justiça do “olho por olho” e do “dente por dente” encontrara, enfim, o “Amor disposto à sublime renúncia até à cruz”.

[...]

..oo00oo..

Diante d'Ele devemos trazer os nossos presentes: a compreensão, a esperança, o amor e a fé.



D'Ele receberemos o presente da orientação para as nossas ações individuais e para as ações da sociedade na construção do mundo mais fraterno, solidário e justo.

Suas palavras ecoam pelos milênios:

“Não se turbe o vosso coração: crede em Deus e também em mim” (João 14:1).

“Bem-aventurados os que choram porque serão consolados” (Mateus, 5: 4).

“Bem-aventurados os famintos e sequiosos de justiça, porque serão fartos” (Mateus, 5:6).

“Bem-aventurados os que sofrem perseguição pela justiça, pois que deles é o reino do céus” (Mateus, 5:10).

“Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei” (Mateus, 28:30).

“Amarás o teu próximo com a ti mesmo” (Mateus, 22:34).

“Tratai as pessoas como quereis que elas vos tratem” (Lucas, 6:3).

“Quando derdes esmola, não saiba a vossa mão esquerda o que faz a vossa mão direita” (Mateus, 6: 4).

“Pedi e se vos dará: buscai e achareis” (Mateus 7:7).

Em verdade, todos esses luminosos caminhos por Ele indicados são grandes desafios em nossas vidas individuais e coletivas. Todavia, se não os trilharmos, não encontraremos a sabedoria e a virtude, que são as asas para o nosso voo evolutivo, em direção à perfeição que nos é própria.

A cada ano, o Mestre Jesus aguarda renascer na manjedoura de nossas almas.



REDE MARÍLIA ESPÍRITA DE INFORMAÇÕES

A serviço da divulgação da Doutrina Espírita

Coordenador: Donizete Pinheiro

Telefone: (14) 99762-3768 - **e-mail:** mariliaespirita@gmail.com

www.mariliaespirita.jor.br

GRANDES VULTOS DO ESPIRITISMO

Amélie-Gabrielle Boudet

Amélie-Gabrielle Boudet (futura Sra. Kardec) nasceu em Thiais, cidade do menor e mais populoso Departamento francês – o Sena –, em 23 de novembro de 1795. Filha única de Julien-Louis Boudet, proprietário e antigo tabelião, e de Julie-Louise Seigneat de Lacombe, era conhecida na intimidade familiar pelo diminutivo Gaby.

Foi professora de Letras e Belas Artes, trazendo de encarnações passadas a tendência para a poesia e o desenho. Culta e inteligente, publicou três obras: Contos Primavera (1825); Noções de Desenho (1826), e O Essencial em Belas Artes (1828).

De estatura baixa, mas bem proporcionada, de olhos pardos e serenos, gentil e graciosa, vivaz nos gestos e na palavra, denunciando inteligência admirável, Amélie Boudet, aliando ainda a todos esses predicados um sorriso terno e bondoso, conheceu em Paris o Prof. Rivail, com quem se casou em 6 de fevereiro de 1832. Amélie tinha nove anos mais que o Prof. Rivail, mas tal era a sua jovialidade física e espiritual, que a olhos vistos aparentava a mesma idade do marido. Jamais essa diferença constituiu entrave à felicidade de ambos.

Madame Rivail associou-se ao esposo na difícil tarefa educacional que ele vinha desempenhando no Instituto Técnico que fundara. Em 1835, o Instituto foi obrigado a cerrar suas portas. Esposa altamente compreensiva, resignada e corajosa, Amélie ajudou Rivail a superar os momentos tormentosos e ambos se lançaram a maiores trabalhos. Durante o dia, enquanto Rivail se encarregava da contabilidade de casas comerciais, sua esposa colaborava de alguma forma na preparação dos cursos gratuitos que haviam organizado na própria residência, e que funcionaram de 1835 a 1840, lecionando para as crianças.

Amélie Boudet era dessas mulheres boas, nobres e puras, e que, despojadas das vaidades mundanas, descobrem no matrimônio missões nobilitantes a serem desempenhadas. Além de conselheira, ela foi a inspiradora de vários projetos que o marido pôs em execução, e este tinha em grande consideração as opiniões de sua esposa.

O ESPIRITISMO

Graças, principalmente, às obras pedagógicas do professor Rivail, adotadas pela própria Universidade de França, e que tiveram sucessivas edições, ele e Amélie alcançaram uma posição financeira satisfatória.



Primeiro, em 1854, quando o Prof. Rivail foi atraído para os curiosos fenômenos das “mesas girantes”, então em voga no mundo todo. Outros convites do Além se seguiram, e, em meados de 1855, na casa da Família Baudin, Kardec inicia os seus primeiros estudos sérios sobre os citados fenômenos, entrevendo, ali, a chave do problema que durante milênios viveu na obscuridade.

Acompanhando o esposo nessas investigações, era de se ver a alegria emotiva com que Amélie tomava conhecimento dos fatos que descerravam para a Humanidade novos horizontes de felicidade. Após observações e experiências inúmeras, o professor Rivail pôs mãos à maravilhosa obra da Codificação, e é ainda de sua cara esposa, então com 60 anos, que ele recebe todo o apoio moral nesse cometimento. Tornou-se ela verdadeira secretária do esposo, secundando-o nos novos e bem mais árduos trabalhos que agora lhe tomavam todo o tempo, estimulando-o e incentivando-o no cumprimento de sua missão.

Lançado O Livro dos Espíritos, da lavra de Allan Kardec, pseudônimo que tomou o Prof. Rivail, este, meses depois, a 1º de Janeiro de 1858, com o apoio tão somente de sua esposa, deu a lume o primeiro número da “Revue Spirite”,

GRANDES VULTOS DO ESPIRITISMO

Amélie-Gabrielle Boudet

periódico que alcançou mais de um século de existência grandemente benéfica ao Espiritismo.

OBRAS DO CASAL

Havia cerca de seis meses que na residência do casal Rivail, então situada à Rua dos Mártires nº. 8, se efetuavam sessões bastante concorridas, exigindo da parte de Madame Rivail uma série de cuidados e atenções, que por vezes a deixavam extenuada. O local chegou a se tornar apertado para o elevado número de pessoas que ali compareciam, de sorte que em abril de 1858, Allan Kardec fundava, fora do seu lar, a “Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”.

Allan Kardec foi alvo do ódio, da injúria, da calúnia, da inveja, do ciúme e do despeito de inimigos gratuitos, que a todo custo queriam conservar a luz debaixo do alqueire. Intrigas, traições, insultos, ingratidões, tudo de mal cercou o ilustre reformador, mas em todos os momentos de provas e dificuldades sempre encontrou, no terno afeto de sua nobre esposa, amparo e consolação.

A contribuição de Amélie permitiu que Kardec tivesse tempo para se dedicar ao preparo dos livros da Codificação e de sua revista, bem como realizasse uma série de viagens para várias cidades, em todas semeando as ideias espíritas.

Após a desencarnação de Allan Kardec em 31 de março de 1869, Amélie, com os cabelos nevados pelos seus 74 anos de existência e a alma sublimada pelos ensinamentos dos Espíritos do Senhor, portou-se como verdadeira espírita, cheia de fé e coragem, conquanto, como é natural, abalada no profundo do ser.

No cemitério de Montmartre, onde, com simplicidade, aos 2 de abril realizou-se o sepultamento de Kardec, comparecia uma multidão de mais de mil pessoas. Discursaram diversos oradores, discípulos dedicados de Kardec, e por último o Sr. E. Muller, que logo se expressou:

“Falo em nome de sua viúva, da qual lhe foi companheira fiel e ditosa durante trinta e sete anos de felicidade sem nuvens nem desgostos, daquela que lhe compartiu as crenças e os trabalhos, as vicissitudes e as alegrias, e que se orgulhava da pureza dos costumes, da honestidade absoluta e do desinteresse sublime do esposo; hoje, sozinha, é ela quem nos dá a todos o exemplo de coragem, de tolerância, do perdão das injúrias e do dever escrupulosamente cumprido.”

Madame Allan Kardec recebeu da França e do estrangeiro numerosas e efusivas manifestações de simpatia e encorajamento, que lhe trouxeram novas forças para o

prosseguimento da obra do seu amado esposo.

O TRABALHO CONTINUA

Cerca de dois meses após o sepultamento de Allan Kardec, Amélie, no desejo louvável de contribuir para a realização dos planos futuros que o esposo tivera em mente, e de cujas obras, revista e livraria passou a ser a única proprietária legal, houve por bem, no interesse da Doutrina, conceder todos os anos certa verba para um “Caixa Geral do Espiritismo”, cujos fundos seriam aplicados na aquisição de propriedades, a fim de que pudessem ser remediadas quaisquer eventualidades futuras.

Apesar de sua avançada idade, Madame Allan Kardec demonstrava um espírito de trabalho fora do comum, fazendo questão de tudo gerir pessoalmente, cuidando de assuntos diversos, além de comparecer às reuniões para as quais era convidada.

Profundamente convencida da verdade dos ensinamentos espíritas, ela buscou garantir a vitalidade do Espiritismo no futuro, e, conforme ela mesma o disse, melhor não saberia aplicar o tempo que ainda lhe restava na Terra, antes de reunir-se ao esposo.

Fundou a “Sociedade Anônima do Espiritismo” – nome depois alterado por sua iniciativa para “Sociedade para a Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec” –, destinada à vulgarização do Espiritismo, à continuação da “Revue Spirite”, à publicação das obras de Kardec e de todos os livros que tratassem do Espiritismo.

Graças à visão, ao empenho e ao devotamento sem limites de Madame Allan Kardec, o Espiritismo cresceu a passos de gigante, não só na França, mas em todo o mundo. Estafantes eram os afazeres dessa admirável mulher, cuja idade já lhe exigia repouso físico e sossego de espírito.

DESENCARNAÇÃO

Amélie Boudet desencarnou aos 87 anos, às 5 horas do dia 21 de janeiro de 1883, docemente, com rara lucidez de espírito, com aquele mesmo gracioso e meigo sorriso que sempre lhe brincava nos lábios. O seu enterro foi simples, no Cemitério Père-Lachaise, em Paris, ao lado do jazigo de Allan Kardec.

Durante o enterro, nas homenagens póstumas pelo Sr. Lecoq, este leu bela comunicação mediúnica de Antônio de Pádua, recebida em 22 de janeiro (um dia antes), na qual esse iluminado Espírito descrevia a brilhante recepção com que elevados Amigos do Espaço, juntamente com Allan Kardec, acolheram a bem-aventurada senhora Amélie.

Não deixando herdeiros diretos, pois que não teve filhos, por testamento fez ela sua sucessora universal a “Sociedade para Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec”.

(fonte: site da União Espírita Mineira)

Convulsionários

Donizete Pinheiro

NO CAPÍTULO 9 DA SEGUNDA PARTE de O Livro dos Espíritos, dedicado à intervenção dos espíritos no mundo corpóreo, Allan Kardec incluiu o tópico intitulado Convulsionários, abordado especificamente nas perguntas de número 481 a 483.

Quem hoje lê a obra pode imaginar que Kardec esteja se referindo às convulsões típicas da epilepsia, uma doença neurológica. Essas crises ocorrem por descargas elétricas no cérebro, tendo várias causas, podendo, eventualmente, ser desencadeadas por ação de espíritos obsessores. Mas não é disso que se trata.

A compreensão do assunto se torna mais clara quando se considera que a Doutrina Espírita surgiu em meados do século XIX, período marcado por costumes, práticas e acontecimentos próprios daquela época. Além do tema tratado neste estudo, Kardec também se dedicou a registrar as explicações dos espíritos sobre questões como o duelo e a escravidão, então ainda presentes na sociedade. Não obstante, podemos sempre adequar os ensinamentos espirituais aos nossos tempos. Já não travamos duelos com armas, mas seguimos duelando verbal e mentalmente. Não temos mais a escravidão das correntes, mas temos a exploração da mão de obra e vivemos a escravizar as pessoas com nosso ciúme e autoritarismo.

A primeira edição de O Livro dos Espíritos, publicada em 18 de abril de 1857, continha apenas 501 perguntas e o assunto “convulsionários” dela não fazia parte. Só foi incluído na segunda edição, com 1019 questões, datada de 1860.

Por qual motivo? A resposta está na Revista Espírita de novembro de 1859, onde se encontra um texto com o título: Os convulsionários de Saint-Médard.

Kardec, em 15 de julho de 1859, recebeu a notícia de uma pessoa chamada Pauline Roland, dando conta de estranhos fatos que se passaram junto ao túmulo de um famoso diácono chamado François Pâris, morto em 1727 e enterrado no cemitério de Saint-Médard. Logo em seguida à notícia vem o texto da evocação do diácono Pâris.

Em resumo, consta da notícia que Pâris morreu aos 37 anos e que ele era um religioso que renunciou à herança e pensão em favor dos pobres e passou a viver como eremita num bairro pobre, inspirado em São Francisco. Dedicava-se à prece, às práticas mais rigorosas da penitência e aos trabalhos manuais, que doava. Quando morreu, o seu irmão mandou fazer um túmulo no pequeno cemitério de Saint-Médard. Os pobres socorridos pelo piedoso diácono, alguns ricos que ele havia edificado e algumas mulheres que tinha instruído para lá se dirigiam, a fim de fazer preces. Também houve diversas ocorrências envolvendo as pessoas, como curas que pareceram maravilhosas e convulsões que foram consideradas perigosas e ridículas, até que a autoridade policial mandou fechar o local.



Dentre os fenômenos dos convulsionários, ocorreram:

- Resistência física a golpes violentos sem lesões aparentes.
- Capacidade de falar línguas desconhecidas ou esquecidas.
- Inteligência ampliada: discursos improvisados sobre temas religiosos e proféticos.
- Leitura de pensamentos e transmissão de dores dos doentes.
- Predições sobre o curso de doenças e fenômenos anormais.
- Insensibilidade física durante o êxtase, que levava a cenas brutais.
- Algumas vítimas eram crucificadas voluntariamente, imitando a Paixão de Cristo.
- Curas milagrosas, que ocorriam pelo toque na pedra tumular ou pela poeira ao redor, ingerida ou aplicada.

O abade Pâris foi evocado e se declarou um espírito feliz, dedicando-se ao bem da humanidade. Disse que não teve participação direta nos fenômenos, mas que muitos espíritos de baixa elevação contribuíram. Afirmou que eles ocorreram por “intriga e magnetismo”.

Kardec pediu esclarecimentos ao espírito de São Vicente de Paulo, e este descreveu Pâris como um espírito bem-intencionado, com elevação moral, mas sem envolvimento nos eventos convulsionários. Disse que as torturas sofridas por alguns convulsionários não trouxeram mérito espiritual, pois eram atos sem utilidade real; que a insensibilidade à dor era atribuída ao magnetismo, embora a superexcitação moral também contribuísse em certos casos. Afirmou, também, que muitos fenômenos foram causados por espíritos de baixa elevação, mas que, apesar disso, realizavam curas e transmitiam ensinamentos úteis, mostrando que mesmo espíritos levianos podem colaborar para o bem e o progresso moral.

...convulsionários

Donizete Pinheiro

E foi com base nessas informações que Allan Kardec organizou as questões que inseriu na segunda edição de O Livro dos Espíritos.

Em resumo, aprendemos que os estados anormais dos convulsionários se espalhavam rapidamente entre as pessoas por efeito da simpatia, que é uma espécie de contágio emocional ou magnético. No entanto, os espíritos inferiores desempenhavam um papel importante e eles se compraziam em tais manifestações. Também eram percebidas algumas ocorrência de sonambulismo, percepções extrassensoriais e estados alterados de consciência.

Kardec também se refere à exaltação fanática e ao entusiasmo, que proporcionavam, em casos de suplícios, múltiplos exemplos de uma calma e de um sangue frio que não seriam capazes de triunfar de uma dor aguda, senão admitindo-se que a sensibilidade se achava neutralizada, como por efeito de um anestésico.

Dessa forma, podemos destacar nos fenômenos convulsionários algumas causas:

- Em primeiro, lugar, a ignorância e o fanatismo.
- A simpatia dos envolvidos, que se influenciam uns aos outros pelo magnetismo físico natural.
- A exaltação emocional, gerando estados alterados de consciência, transe e mesmo fenômenos mediúnicos, como sonambulismo.
- A influência de espíritos inferiores.

Ajustando esse assunto ao tempos atuais, ainda que com algumas diferenças, identificamos na sociedade eventos semelhantes, presentes em diversos setores, nos quais indivíduos, isoladamente ou em grupo, adotam condutas extremistas e fanáticas, assumindo comportamentos mórbidos.

De triste lembrança é o episódio ocorrido na Guiana, em 1978, quando, induzidas pelo fanático religioso Jim Jones, cerca de 900 pessoas suicidaram-se, estarecendo o mundo.

Em busca de solução mágica para seus problemas ou com o sentimento de uma fé cega, muitos indivíduos sujeitam-se a ser enganados, iludidos por vãs promessas e argumentos mentirosos.

Vemos também o fanatismo contagiando as torcidas de futebol, que entram em luta com os adversários, demonstrando um comportamento totalmente irracional e colérico.

Em algumas igrejas ditas evangélicas – apenas em algumas nas quais se percebe o interesse pessoal dos seus líderes –, adeptos entram em estado de transe, fazendo catarses, gritando, rodando, e alguns, ao comando e influência dos pastores, sendo jogados ao chão, para lá e para cá.



Em outras religiões, o fanatismo leva os adeptos a matarem infiéis e hereges, porque consideram verdadeiros somente os dogmas que pregam.

Em variados shows de cantores, uma multidão de fãs chega ao delírio, cantando, bebendo e dançando, quando não se atiram freneticamente sobre os seus ídolos, numa espécie de histeria coletiva, provocando desmaios, convulsões, comportamentos fora do comum.

Também vemos os pagadores de promessas, suportando sofrimentos desnecessários por causa de uma bênção recebida. Muitos em exaltação da fé, em delírios, às vezes coletivos, louvando imagens e outros objetos.

E quando o homem se conduz com fanatismo e com fins escusos ou fúteis, atrai a presença de espíritos inferiores, que podem gerar lamentáveis desvirtuamentos, abrindo brechas ao charlatanismo, que consiste na exploração da credulidade pública, por meio de engodos e mentiras, circunstância que contribui muito para fomentar desequilíbrios.

No espiritismo mesmo, Kardec se refere aos espíritas exaltados, os fanáticos, afirmando que fazem mais mal que bem. Esses exaltados são aqueles que acreditam em quaisquer fatos de natureza espiritual, sem uma análise séria, sem reflexão; que aceitam qualquer revelação sem verificar a idoneidade do médium ou do espíritos.

Kardec afirma que só um estudo sério e profundo do espiritismo, e um desinteresse absoluto, na prática do bem, garantem contra o charlatanismo e o fanatismo.

O espírita esclarecido repele esse entusiasmo cego, observa com frieza e calma, e, assim, evita ser vítima de ilusões e mistificações. Sua fé é raciocinada, com base na lógica e nos fatos.

Nada há de maravilhoso e sobrenatural. Nada pode violar as leis naturais. E se algo não entendemos hoje, é porque ainda não temos o conhecimento suficiente.

ESPIRITISMO

“

"E disse-lhes também uma parábola: Ninguém deita um pedaço de uma roupa nova para a coser em roupa velha (...)"



“Kaj li ankaŭ parolis al ili parabolon: Neniu ŝiras pecon el nova vesto kaj alkudras ĝin sur malnovan veston (...)"



Lucas 5:36

”



uniaoespirtamineira @uemmg /uemmg http://uemmg.org.br

ESPERANTO

19^{ce}ee

19º Congresso Estadual de Espiritismo

O Centro Espírita

no novo tempo

PALESTRAS • RODAS DE CONVERSA • REENCONTROS

CONFERENCISTAS CONFIRMADOS



Rossandro Klinjey • Cosme Massi • Alexander Moreira Almeida • Cesar Perri • Alberto Almeida

São Paulo • 2026

19, 20 e 21 de junho

Teatro APCD (Prox. Terminal Tiête)

Inscrições no site

usesp.org.br/congresso

VALORES DE INSCRIÇÃO

Primeiro lote: R\$ 345,00

(em até 3 vezes de R\$ 115,00) até 30/12/25

Segundo lote: R\$ 390,00

(em até 3 vezes de R\$ 130,00) até 30/04/26

Terceiro lote: R\$ 490,00

(em até 2 vezes de R\$ 245,00) a partir de 1/05/26

USE

UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Palavras de

Emmanuel



PARA O ALVO

“Prossigo para o alvo.”

– Paulo (Filipenses, 3:14)

Quando Paulo escreveu aos filipenses, já possuía vasta experiência de apostolado.

Doutor da Lei em Jerusalém, abandonara as vaidades de raça e de família, rendendo-se ao Mestre em santificadora humildade.

Após dominar pela força física, pela cultura intelectual e pela inteligência nobre, voltou-se para o tear obscuro, conquistando o próprio sustento com o suor diário. Ingressando nos espinhosos testemunhos para servir ao próximo, por amor a Jesus, recebeu a ironia e o desamparo de familiares, a desconfiança e o insulto de velhos amigos, os açoites da maldade e as pedradas da incompreensão.

O convertido de Damasco, no entanto, jamais desanimou, prosseguindo, invariavelmente, para o alvo, que, ainda e sempre, é a união divina do discípulo com o Mestre.

Quantos aprendizes estarão, atualmente, dispostos ao grande exemplo?

Espalham-se, em vão, os convites ao sublime banquete, debalde envia Jesus mensageiros aos estudantes novos, revelando a excelência da vida superior. A maioria deles, contudo, abrange operários fugitivos, plenamente distraídos da realização... Perdem de vista a obra por fazer, desinteressam-se das lições necessárias e esquecem as finalidades da permanência na Terra. Comumente, nos primeiros obstáculos mais fortes da marcha, nas corrigendas iniciais do serviço, põem-se em lágrimas de desespero, acabrunhados e tristes. Declaram-se, incompreensivelmente, desalentados, vencidos, sem esperança...

A explicação é simples, todavia. Perderam o rumo para o Cristo, seduzidos por espetáculos fugazes, nas numerosas estações da jornada espiritual, e, por esquecerem o alvo sublime, chega de modo inevitável o instante em que, cessados os motivos da transitória fascinação, se sentem angustiados, como viajores sedentos nos áridos desertos da vida humana.

Do livro VINHA DE LUZ
psicografia de Francisco Cândido Xavier

A lei de igualdade

Renato Confalonieri - Marília/SP

LEMOS AMIÚDE NA LITERATURA ESPÍRITA, nos sábios e valorosos ensinamentos transmitidos pelos benfeitores espirituais, que todos fomos criados simples e ignorantes, partindo do mesmo princípio, e que, desse modo, todos somos iguais.

Ao tratar da Lei de Igualdade, no capítulo 9 do Livro Terceiro (As Leis Morais) de O Livro dos Espíritos, Allan Kardec faz oportuna observação na questão 803, esclarecendo — certamente de maneira inspirada — que:

“Todos os homens estão submetidos às mesmas leis da Natureza. Todos nascem com a mesma fraqueza, estão sujeitos às mesmas dores, e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Portanto, Deus não deu a nenhum homem superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte. Diante Dele, todos são iguais.”

Com relação às aptidões e suas visíveis desigualdades, os orientadores espirituais esclarecem, na resposta à pergunta 804, que:

“Deus criou todos os Espíritos iguais, mas cada um deles tem maior ou menor vivência e, por conseguinte, maior ou menor experiência. A diferença está no grau da sua experiência e da sua vontade, que é o livre-arbítrio; daí, uns se aperfeiçoam mais rapidamente, e isso lhes dá aptidões diversas. A variedade das aptidões é necessária, a fim de que cada um possa concorrer aos objetivos da Providência, no limite do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais...”

Quanto às diferenças sociais, a Espiritualidade nos instrui, na questão 806, que tais desigualdades são obra das criaturas, não de Deus, e que desaparecerão um dia, juntamente com a predominância do orgulho e do egoísmo — duas das principais chagas da humanidade —, restando apenas a “desigualdade de mérito”.

No que se refere às disparidades de riqueza, os bons Espíritos esclarecem, na resposta à pergunta 811, que a igualdade absoluta não é possível, uma vez que a diversidade de faculdades e caracteres se opõe a isso. Nossas características pessoais, aptidões e vocações impedem que os frutos do trabalho sejam divididos de forma absolutamente igual. No entanto, isso não é obstáculo para a fraternidade entre as criaturas. Ao contrário, é dever de todos nós partilhar o pão e o peixe, como fez Jesus em passagens narradas pelos evangelistas.

Quanto à igualdade de direitos entre os gêneros masculino e feminino, os benfeitores informam que Deus concedeu a todas as criaturas a inteligência do bem e do mal, bem como a faculdade de progredir (resposta à questão 817). Vale transcrever a observação feita por Kardec na pergunta 820:

“Deus conformou a organização de cada ser às funções que deve cumprir. Se deu à mulher uma força física menor, dotou-a, ao mesmo tempo, de uma maior sensibilidade, relacionada com a delicadeza das funções maternas e a fraqueza dos seres confiados aos seus cuidados.”

Assim, como enfatizado pelo Espírito de Verdade na resposta à questão 822:

“A lei humana, para ser equitativa, deve consagrar a igualdade dos direitos entre o homem e a mulher; todo privilégio concedido a um ou a outro é contrário à justiça.”



Apesar de termos sido criados iguais, simples e ignorantes, não nos é prudente desconsiderar o alerta feito por Emmanuel, ao final do capítulo 33 do livro Roteiro, no sentido de que:

“O Espiritismo, confirmando o Evangelho, vem amparar o homem e convidá-lo a aprimorar-se e engrandecer-se, consoante a Sabedoria da Lei que determina: a cada um segundo as suas obras.”

Dessa forma, embora tenhamos partido do mesmo ponto em nossa gênese, a evolução é distinta para cada criatura, para cada individualidade, podendo ocorrer de maneira mais rápida ou mais lenta, como demonstrado na resposta à pergunta 804 de O Livro dos Espíritos.

Conforme se depreende da observação feita por Kardec na questão 805:

“A diversidade das aptidões do homem não resulta da natureza íntima de sua criação, mas do grau de aperfeiçoamento ao qual chegaram os Espíritos nele encarnados. Deus, portanto, não criou desigualdades de faculdades, mas permitiu que os diferentes graus de desenvolvimento estivessem em contato, a fim de que os mais adiantados pudessem ajudar o progresso dos mais atrasados e, também, a fim de que os homens, tendo necessidade uns dos outros, cumprissem a lei de caridade que os deve unir.”

Façamos, pois, a nossa parte enquanto cristãos, cuidando do nosso desenvolvimento pessoal e espiritual, sem jamais perder de vista o próximo. É essencial cultivarmos a empatia, colocando-nos no lugar do outro, oferecendo auxílio e amparo sempre que possível. A fé que professamos deve se manifestar em atitudes concretas de solidariedade e compaixão.

Não nos permitamos ser cegos, surdos ou insensíveis diante do sofrimento alheio. A verdadeira espiritualidade não se limita à introspecção, mas se revela na capacidade de enxergar e agir em favor daqueles que enfrentam dificuldades. Ignorar o clamor do outro é negar os ensinamentos mais profundos da nossa fé.

Jamais nos esqueçamos das lições transmitidas pelo Mestre Divino — como a partilha do pão e do peixe e a prática constante da caridade. Esses gestos simples, porém poderosos, representam verdades essenciais para o nosso progresso em todos os aspectos da vida. O orgulho e o egoísmo, por sua vez, apenas retardam nossa evolução rumo às instâncias superiores da Espiritualidade.

Mães, lares e destinos: A nova face da família brasileira

Arnaldo Divo Rodrigues de Camargo - Editora EME

O RETRATO DA FAMÍLIA BRASILEIRA tem mudado com rapidez. Os dados do Censo 2022 do IBGE mostram que quase metade dos lares do país – cerca de 49,1% – já é chefiada por mulheres, número que cresceu muito em relação a 2010. Entre esses lares, destaca-se o aumento das chamadas “mães solo”, que hoje representam quase 30% das famílias compostas apenas por mulher e filhos.

Essa realidade não deve ser vista de forma simplista nem julgada moralmente. Há fatores positivos envolvidos, como a maior autonomia econômica da mulher, sua maior escolaridade e a superação de antigos padrões culturais que a silenciavam. Muitas mulheres assumiram o lar não por escolha romântica, mas por dignidade diante de relações frágeis, abusivas ou marcadas pela imaturidade afetiva. Outras o fizeram por coragem, depois de perceber que proteger os filhos era mais importante que sustentar um modelo familiar adoecido.

Desde 2010, atuando como voluntário em uma clínica de dependência química masculina e como diretor da Comunidade Psicossomática Nova Consciência, mantida pela Editora EME, eu notava que a maioria dos pacientes acolhidos chegava afirmando estar no segundo ou terceiro relacionamento, quase sempre tendo deixado para trás filhos e parceiras abandonados.

Também participei de outros trabalhos sociais, como o internato de meninos do Lar de Jesus e, mais tarde, da CEAC – Casa da Criança, da qual fui um dos fundadores em 27/07/1994, destinada ao atendimento de crianças e gestantes em situação de vulnerabilidade. Nessas experiências, pude observar de perto realidades marcantes, como a de uma mãe solo que acolhemos – com quatro filhos de pais diferentes e sem receber pensão alimentícia de nenhum deles.

Cada um de nós carrega, dentro de si, uma caixa de ferramentas íntimas. Algumas são virtudes – bondade, gentileza, compreensão, tolerância. Outras, ainda presentes em muitos de nós, são instrumentos de desamor – arrogância, orgulho, egoísmo, vingança, ira. O convívio familiar, sobretudo o casamento, é o espaço onde essas ferramentas aparecem, são testadas, desgastadas e, quando há humildade, trocadas por melhores.

É por isso que o perdão é tão essencial. Sem perdão, o amor não resiste; sem amor, o lar se desfaz. Mas o perdão verdadeiro não é submissão, nem aceitação do abuso – é libertação interior. Perdoar ou ser perdoado é entregar a Deus o que ultrapassa nossas forças, confiando que só Ele tem o poder de restaurar o que em nós se rompe.

O amor, quando amadurece, deixa de ser exigência e se torna oferta; cessa de aprisionar e passa a libertar. Amar, nesse estágio, é vencer a si mesmo, e não o outro. E é assim



que, mesmo nos lares que se desfazem, a vida segue oferecendo novas oportunidades de crescimento, aprendizado, reconstrução e reavaliação dos próprios valores.

Trazemos em nós a sede pela luz, mas também milênios de débitos espirituais. Somos viajores da imortalidade, espíritos em aperfeiçoamento – e, por isso, o lar, em qualquer forma que assuma, torna-se um dos maiores laboratórios do amor, da responsabilidade e da evolução espiritual.

O EVANGELHO

NO LAR E NO CORAÇÃO

Amplie o bem que existe em você

Ore, pois, cada um segundo suas convicções e da maneira que mais o toque.

Allan Kardec • O Evangelho segundo o Espiritismo
Cap. XXVIII - It. 1

O Evangelho no Lar, é uma prática de estudo e oração realizada em família ou individualmente, com o objetivo de fortalecer os laços espirituais no ambiente doméstico. Consiste na leitura de um trecho de *O Evangelho segundo o Espiritismo* ou outra obra cristã, seguida de reflexões, comentários e preces.

Essa atividade promove a paz, a harmonia e a proteção espiritual no lar, além de ser uma oportunidade para a sintonia com os ensinamentos de Jesus e a elevação moral.

É recomendável realizá-lo semanalmente, em dia e horário fixos, criando um hábito de conexão com a espiritualidade superior.

USE

UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

CANTINHO DA EVANGELIZAÇÃO INFANTOJUVENIL



É CHEGADA A HORA DE AVALIAR!

Fim de ano! Hora de reflexão para nós, evangelizadores!

Em que medida conseguimos provocar mudanças na vida das nossas crianças? Afinal, esse é o propósito da tarefa de evangelizar, reafirmando o que diz a educadora Lúcia Moysés em seu livro “A Evangelização Mudando Vidas”.

Tendo como ponto de partida esse questionamento, é importante pensarmos em como as atividades se desenrolaram ao longo do ano de 2025, avaliando o consciente e criteriosamente o nosso trabalho. Avaliar, para o educador espírita, é refletir à luz do Evangelho e da Doutrina Espírita sobre o quanto contribuímos para o crescimento moral, espiritual e fraterno das crianças e jovens, assim como para o crescimento dos trabalhadores envolvidos.

Esse momento de análise nos convida à humildade, ao aprendizado e ao planejamento, pois a evangelização é uma sementeira contínua, cujos frutos muitas vezes se manifestam ao longo do tempo e em diferentes etapas da vida do espírito.

Assim pensando, alguns indicadores são fundamentais para nortear nossa tarefa de avaliar:

1. Em que medida a assiduidade e a permanência dos evangelizando em suas turmas foram satisfatórias? A constância e a regularidade na frequência também mostram o vínculo que eles criaram com os evangelizadores, com os colegas de turma e com os demais frequentadores da casa espírita.

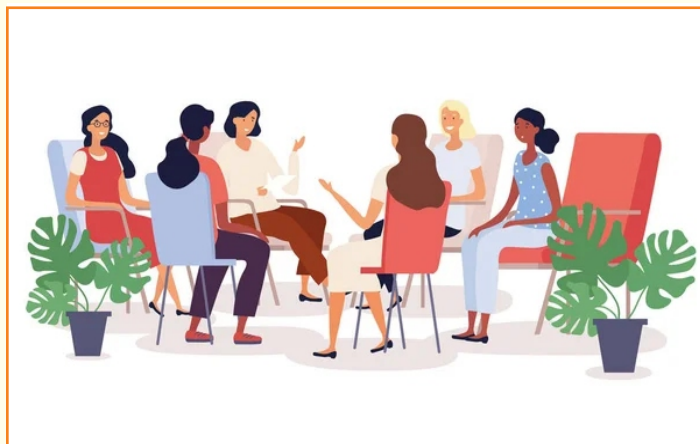
2. Em que medida os evangelizando tiveram participação ativa nas atividades e vivências propostas a partir dos temas trabalhados nas aulas de evangelização? Essa reflexão, para nós evangelizadores, é o termômetro do que conseguimos realizar para favorecer a assimilação e a manifestação dos valores espíritas, dentre eles o respeito, a solidariedade, a responsabilidade e a caridade.

3. É importante analisarmos se as atividades desenvolvidas com os evangelizando estiveram alinhadas com os princípios da Doutrina, valorizando o Evangelho de Jesus, a Lei de Amor, de Justiça e de Caridade, e se foram adequadas às faixas etárias atendidas, respeitando o desenvolvimento emocional, cognitivo e espiritual de cada uma delas.

4. Importa, ademais, não perdermos de vista, na avaliação do nosso trabalho, se o vínculo de amizade e de apoio que criamos com as famílias termina o ano fortalecido. Quanto mais confiança elas tiverem em nós, mais continuarão em casa, com seus filhos, a vivência dos valores cristãos. Quanto mais diálogo e companheirismo mantivermos com elas, mais parceria teremos para incentivar seus filhos a cultivarem bons sentimentos e hábitos saudáveis.

5. Considerando também que o ambiente da sala de evangelização deve ser acolhedor, harmonioso e convidativo para as crianças e jovens, precisamos ponderar como contribuímos para o despertar de bons sentimentos, oferecendo um ambiente físico acolhedor e evangelizadores com posturas adequadas, amorosas e sempre compreensivas para com as crianças e jovens.

Muito além de apontar falhas, nesse momento de encerramento nossa postura deve ser a de quem vê o seu trabalho como um instrumento de progresso. Temos que identificar os avanços, os desafios e as demandas para o próximo ano. É nesse contexto que



surge, de forma muito clara, a necessidade de ampliação do quadro de evangelizadores. É natural que o trabalho de evangelização cresça na proporção em que cresce o próprio movimento espírita.

Quando o quadro de evangelizadores é reduzido, surgem desafios como:

- A sobrecarga dos trabalhadores existentes;
- A dificuldade de um atendimento mais individualizado aos evangelizando;
- A limitação na abertura de novas turmas;
- O possível comprometimento da qualidade do trabalho pedagógico e espiritual.

Ampliar o quadro de trabalhadores na evangelização não traz apenas mais organização. Significa oferecer mais oportunidades de serviço no Bem, crescimento e aprendizado aos frequentadores da casa, ao mesmo tempo em que se amplia o alcance da aprendizagem e da vivência das Leis Naturais para as novas gerações.

É importante que essa ampliação ocorra de forma consciente e responsável, com a sensibilização dos frequentadores sobre a importância da educação espiritual para a formação de bons sentimentos e valores cristãos nas crianças e adolescentes em geral, e de modo específico nas crianças e adolescentes que eles trazem à Casa Espírita. Essa sensibilização deve resultar em convites ao voluntariado.

Os responsáveis pela coordenação pedagógica da evangelização na Casa Espírita devem ter permanentemente a preocupação com a qualificação e o apoio a esses novos trabalhadores, para que o crescimento tenha condições reais de acontecer.

Avaliar para crescer! Eis o que nos cabe, pois o crescimento do Bem exige mais mãos, mais corações e mais consciências comprometidas com o ideal do Cristo!

É fundamental lembrarmos, nesse final de reflexão, o que afirmou Bezerra de Menezes em relação às crianças: “[...] não podemos, sem graves comprometimentos espirituais, sonegar-lhes a educação, as luzes do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, fazendo brilhar em seus corações as excelências das lições do excelso Mestre, com vistas à transformação das sociedades terrestres para uma nova Humanidade” (A evangelização espírita da infância e da juventude na opinião dos espíritos — FEB, outubro/1986, psicografia de Júlio César Grandi Ribeiro).

ASSUNTOS de ANDRÉ LUIZ



Os Mensageiros, ditado pelo espírito André Luiz e psicografado por Francisco Cândido Xavier, é o segundo livro da série “A Vida no Mundo Espiritual” e apresenta a experiência do autor espiritual ao integrar-se a uma equipe dedicada à comunicação entre os planos espiritual e terreno.

A narrativa mostra a relevância dos médiuns e da preparação moral necessária para o exercício da mediunidade, relatando missões de auxílio a encarnados e desencarnados e destacando o papel dos mensageiros como intermediários da luz.

Ao longo da obra, são expostas lições sobre responsabilidade, disciplina e serviço ao próximo, bem como as dificuldades enfrentadas por médiuns que não cumprem seus compromissos espirituais.

O livro ressalta a importância da fé ativa e do trabalho constante no bem, combinando uma narrativa envolvente com ensinamentos doutrinários espíritas.

OS QUE DORMEM

Estando num posto de socorro da Colônia Campo da Paz, ligada a Nosso Lar, a convite do administrador Alfredo, André Luiz, o colega Vicente e o instrutor Aniceto visitam uma enfermaria com grandes pavilhões repletos de espíritos deitados imóveis, como se estivessem “mumificados”.

André é informado que são espíritos adormecidos, que permanecem inconscientes, presos a ilusões ou descrença, incapazes de despertar para a realidade espiritual, por causa da falta de fé na imortalidade da alma e o apego excessivo à matéria.

Naquele momento, ao comando de Alfredo, os trabalhadores distribuem alimentos, remédios, água fluidificada, passes magnéticos e sopro curador para auxiliar na recuperação desses espíritos.



IMPORTANTE ENSINAMENTO DE ANICETO

...André, este sono é, verdadeiramente, avançada imagem da morte.

Aqui permanecem, com a bênção do abrigo, alguns milhões dos nossos irmãos que ainda dormem. São as criaturas que nunca se entregaram ao bem ativo e renovador, em torno de si, e mormente os que acreditaram convictamente na morte, como sendo o nada, o fim de tudo, o sono eterno. A crença na vida superior é atividade incessante da alma. A ferrugem ataca a enxada ociosa.

O entorpecimento invade o Espírito vazio de ideal criador. Os que, nos círculos carnis, homens e mulheres, creem na vida eterna, ainda que não sejam fundamentalmente cristãos, estão desenvolvendo faculdades de movimentação espiritual e podem penetrar as esferas extraterrenas em estado animador, pelo menos quanto à locomoção e juízo mais ou menos exato.

No entanto, as criaturas que perseveram em negação deliberada e absoluta, não obstante, por vezes, filiadas a cultos externos de atividade religiosa, que nada veem além da carne nem desejam qualquer conhecimento espiritual, são verdadeiramente infelizes. Muitos penetram nossas regiões de serviço, como embriões de vida, na câmara da Natureza sempre divina.

Um amigo nosso costuma designá-los por fetos da espiritualidade; entretanto, a meu ver, seriam felizes se estivessem nessa condição inicial. Temos a certeza, porém, de que muitos se negaram ao contacto da fé, absolutamente por indiferença criminosa aos desígnios do Eterno Pai. Dormem, porque estão magnetizados pelas próprias concepções negativistas; permanecem paráliticos, porque preferiram a rigidez ao entendimento; mas dia virá em que deverão levantar-se e pagar os débitos contraídos.

Eis porque os considero sofrendores. Primeiramente, demoram no sono em que acreditaram, mais tarde acordam; porém, a maioria não pode fugir à enfermidade e à perturbação, como acontece aos irmãos dementados, que vimos inda há pouco.

A urgente tarefa

Martha Capelotto - São Paulo/SP

TODOS, OU QUASE TODOS, acreditam que investir nas crianças, promovendo seu desenvolvimento moral e intelectual por meio de uma educação adequada, seria a grande solução para a melhoria da nossa humanidade – humanidade ainda envolta em tantos equívocos, entre eles os de ordem religiosa.

Sabemos que é pela educação que as gerações se transformam e se aperfeiçoam, e disso temos tido exemplos dos mais variados, que indicam nossos avanços desde os primórdios dos tempos até os dias atuais. Certamente já abdicamos de muitos atos de barbárie, muito embora, às vezes, pareça que eles ressurgem como se não tivéssemos dado alguns passos adiante.

Por outro lado, ainda que muitos se encontrem envoltos em ignorância, rudes no trato e destituídos de sentimentos mais nobres, nós, espíritas, acreditamos que a nossa humanidade já se encontra em processo de transformação, que se opera tanto no campo das ideias quanto no campo material, por meio de modificações de ordem geológica que deverão alterar significativamente a paisagem do nosso orbe.

Assim, se estamos caminhando para um mundo de regeneração, no qual teremos menos dores e menos infortúnios – embora ainda submetidos às provações – é absolutamente necessário um olhar mais responsável para a criança. Pois não basta ensinar-lhe os elementos de todas as ciências das quais o mundo se ocupa, mas ensiná-la a governar-se, a conduzir-se como ser consciente e racional. Não apenas ensinar a ler, escrever e contar, mas, acima de tudo, prepará-la para os embates de ordem moral, fortalecendo-a com princípios éticos e morais, que deverão ser hauridos no seio da família, por meio dos exemplos de seus genitores ou daqueles a quem essa tarefa foi confiada.

Além disso, é de extrema urgência que esses tutores repensem os ensinamentos religiosos que conduzem ao fanatismo ou às superstições, comprometendo-se a libertar as crianças de ideias falsas ou dogmas rançosos que já não atemorizam – antes, resvalam para o campo do ridículo. Desse modo, sem orientação segura e verdadeira sobre seu papel no mundo e as questões ligadas à vida futura, facilmente serão presas de um materialismo desenfreado, de paixões devastadoras e de ilusões sem fim, capazes de promover todo tipo de desordem social.

Por outro lado, uma educação pautada numa concepção exata da vida transformaria toda a face do mundo. A partir do momento em que temos o conhecimento de que a vida não se resume a uma única existência, de que temos responsabilidades das mais graves em nosso modo de viver, de que responderemos, inexoravelmente, por nossos atos – não bastando apenas o arrependimento tardio –, e de que o bem e o amor são as únicas portas condutoras da felicidade, tudo



será modificado naturalmente. Pensando assim, certamente estaríamos erguendo o edifício da paz, da solidariedade e da fraternidade sobre alicerces sólidos. A obra da regeneração social deve começar na criança.

Nunca será demais lembrar que o espiritismo tem como alvo principal a educação do espírito – de todos, indistintamente, mas principalmente da criança, instrumento mais flexível às mudanças.

Desse modo, aqui fica um apelo a todos os pais para que se preocupem, sim, com a condução religiosa de seus filhos, não se omitindo em dar-lhes orientação segura, sob o pretexto de que poderão decidir por si mesmos quando tiverem amadurecimento para tal mister.

Apelamos também a todos que têm um compromisso com a Doutrina dos Espíritos, seja na qualidade de dirigente, orador ou divulgador pela escrita, para que insistam sempre no aspecto mais relevante da Doutrina: a transformação moral por meio da reeducação e da consciência exata do nosso papel na sociedade, atendendo aos desígnios divinos.

E finalizaria dizendo que, embora muitos acalentem sonhos mirabolantes com obras de grande vulto, cumpre notar – sem lhes tirar o justo valor – que acima delas está a iluminação das consciências, sustentada pelo coração das mães, pela autoridade parental – nos lares e por uma orientação espiritual segura.

Deixemos de lado os desculpismos que resvalam para a preguiça e pensemos com seriedade na educação de nossas crianças.

ORIENTAÇÃO DA INFÂNCIA. PROFILAXIA DO FUTURO.

EDUCAR OS PEQUENINOS É SUBLIMAR A HUMANIDADE.

(Conduta Espírita - André Luiz/Waldo Vieira)

MOVIMENTO JOVEM

Participação dos jovens da 4ª Assessoria do Departamento de Mocidades no 14 EECOME (Encontro Estadual de Comissão Diretora de Mocidades Espíritas), que ocorreu na cidade de São Carlos, nos dias 15 e 16 de novembro.



No final de semana dos dias 23 e 24 de novembro, os jovens da monitoria da 4ª Assessoria do Departamento de Mocidades se reuniram na cidade de Garça, para finalizarem as atividades que serão realizadas na 59ª COMENOESP- Confraternização de Mocidades Espíritas do Noroeste do Estado de São Paulo, que ocorrerá no feriado da Páscoa, em abril de 2026, na cidade de Marília.

O evento será no Colégio Bezerra de Menezes e contará com a colaboração da USE Intermunicipal de Marília e dos centros espíritas.



Neste Natal, você é uma boa notícia?

Wellington Balbo - Salvador/BA

ALLAN KARDEC ENSINOU que “Fora da caridade não há salvação”. Pois bem, entenda-se salvação aqui não no sentido literal, mas como uma maneira leve de viver, que permite paz de consciência e fé no futuro. Logo, aquele que pratica a caridade está salvo – com sua consciência em paz, podendo, aliás, dormir o “sono dos justos”.

Mas o que seria caridade, já que ela se estende ao infinito e vai desde doar uma cesta básica ao necessitado até um simples e terno sorriso dirigido ao amigo aflito? E mais: a quem devemos praticar essa caridade para sermos salvos?

Encontramos belo e farto material sobre a caridade em O Evangelho segundo o Espiritismo. E, já que estamos celebrando Jesus, é significativo refletirmos sobre a caridade.

Basicamente, há duas formas de caridade: material e moral. A caridade material é a mais simples de ser praticada – porém, não menos valorosa. Um dinheiro ofertado ao necessitado, uma carona ao colega, um lanche oferecido ao faminto são maneiras de exercer a caridade material.

Já a caridade moral é um pouco mais complexa, porquanto mexe com pontos mais densos de nosso ser. Como calar diante de uma acusação impiedosa? Como deixar de comentar sobre as impertinências de alguns familiares que não compareceram à reunião natalina? Teríamos a generosidade necessária para silenciar comentários que alimentam a velha fofoca?

Percebem por que a caridade moral é a mais difícil de ser praticada?

Agora, respondamos: a quem devemos praticar essa caridade?

A caridade deve ser praticada por todos, sem distinção.

Contudo, convenhamos: é muito mais simples praticar a caridade com aqueles que estão longe, distantes, pois desconhecemos suas limitações, falhas e dificuldades – logo, não colocamos tantos empecilhos.

É um pouco mais complicado praticar a caridade, principalmente a moral, com quem está perto – ou seja, com o próximo mais próximo – porque conhecemos sua história de vida, sabemos de suas imperfeições e impertinências.

Perdoar a palavra áspera do irmão, lavar a louça para a mãe, orar pelo cônjuge que, segundo analisamos, não nos dá a atenção necessária – tudo isso constitui um interessante exercício de caridade e nos faz trabalhar o orgulho e a vaidade que ainda habitam em nós.

Assim, praticar a caridade com o próximo mais próximo, além de promover a harmonia no seio familiar, é uma oportunidade de melhor nos conhecermos, pois nossas reações diante das ações dos outros revelam muito de nós mesmos.

Com quem está distante, temos um pouco mais de



tolerância; como não convivemos diariamente, somos gentis, educados, mantemos o verniz social.

Mas, com nossos familiares, não raro nos esquecemos da gentileza, da boa palavra, de compreender suas inconveniências. Esquecemos de calar, de emprestar nossos ouvidos e de sermos, em suas vidas, uma Boa Notícia – uma Boa Nova.

Vale a pena refletir: somos uma Boa Nova para nossos familiares?

Quando chegamos a um evento de família – neste ano mesmo, com o Natal se aproximando – podemos prestar atenção nisso. Afinal, o que será que dizem a nosso respeito?

— Puxa! Lá vem o fulano... esse cara é legal, bacana, sempre tem uma palavra amiga e confortadora. Nosso Natal é sempre melhor com ele!

Ou:

— Puxa! Lá vem o fulano... ele é um chato, está sempre desanimando os outros. Só o tolero porque é meu irmão.

Será que somos uma Boa Nova ou uma Má Notícia ao chegarmos à festa de Natal?

Ser feliz em família, portanto, é um enorme desafio.

Exercitar a caridade com nossos familiares é uma tarefa urgente – até porque pode ser que, por trás daquela rusga, daquele mau humor constante, estejam nossas marcas do passado, nossa “colaboração” para a falência daqueles que hoje estão mais próximos de nós.

Então, diante do esquecimento temporário, vale optar pela educação no trato familiar, pelo respeito aos que estão mais próximos, não permitindo que a convivência estreita venha azedar a relação.

Sendo educados, cordatos, compreensivos – enfim, sendo caridosos com nossos familiares – teremos maiores chances de eliminar mal-entendidos do passado, remoto ou não, e, assim, sermos felizes em família.

Aliás... neste Natal, você é uma Boa Notícia?

**Histórias de
Tiamara**

Obrigada, Senhor! Muito Obrigada!

Quando Dona Coruja abriu a janelinha de sua casa, levou um susto danado. O vento forte a fez fechá-la rapidamente, e não demorou muito para que a chuva caísse com força.

A avezinha, assustada, se encolheu debaixo de suas asinhas e começou a orar ao Pai Criador, pedindo proteção.

Após algumas horas, a chuva finalmente cessou. Mais tranquila, Dona Coruja abriu novamente a janela e, ao olhar para o céu, avistou um lindo arco-íris. Então, juntando as asinhas em sinal de gratidão, orou agradecendo pela sua vida:

– Obrigada, Senhor! Muito obrigada!

Nesse momento, Dona Coruja ouviu um miado. Ao sair de sua casinha, viu o gatinho de Dona Lola pendurado no pé de amora, com o rabinho preso em um dos galhos. E agora, como poderia ajudá-lo?

Decidiu então voar até a janela onde dormia a netinha de Dona Lola e bateu com força com o bico no vidro.

A menina Laura correu até a janela e, ao abri-la, olhou para o céu e avistou o lindo arco-íris. Com os olhos brilhando, disse:

– Jesus, protege o meu gatinho que sumiu ontem à noite! Cuida dele com o Teu amor e me ajuda a encontrá-lo!

Dona Coruja começou a voar em círculos, tentando chamar a atenção da menina, que logo avistou seu gatinho pendurado na amoreira. Então correu e gritou:

– Vovó! Venha! O Lico está pendurado na amoreira do quintal!

Dona Lola, com muito cuidado, conseguiu resgatar o fujão, que, miando feliz, pulou nos braços da menina.

A vovó então perguntou:

– Laura, como você soube que o Lico estava na amoreira?

– Olha, vovó... o arco-íris!

– Nossa, que maravilhoso! – exclamou Dona Lola.



– Foi olhando para o arco-íris e com a ajuda da corujinha que vive no alto da goiabeira que eu vi o meu gatinho preso. Acho que ela também bateu com o biquinho na janela para me acordar.

Abraçando a netinha, Dona Lola disse:

– Então vamos agradecer a Deus por ter nos presenteado com o arco-íris e à corujinha por ter chamado sua atenção.

Dona Coruja, que ouvia tudo, repetiu com alegria:

– Obrigada, Senhor! Muito obrigada!

Crianças:

A oração abre o nosso coração para as bênçãos de Deus, que é o Senhor da criação. Devemos orar a Ele com humildade e louvá-lo com reverência e sinceridade. Dessa maneira, estaremos prontos para recebermos a sua proteção, que nunca nos falta.



ESPIRITISMO

QUAL A AFIRMAÇÃO FALSA?

- 1) Nos mundos superiores não existe a fase da infância para os espíritos reencarnados.
- 2) A morte de uma criança pode representar para o espírito o complemento de uma existência passada interrompida antes do momento em que deveria terminar.
- 3) O espírito de uma criança que morre pequenina recomeça uma nova existência.
- 4) O espírito de uma criança pode ser mais desenvolvido do que o de um adulto.
- 5) Durante a infância o espírito é mais acessível às impressões que recebe.

RESPOSTA: 1 (primeira)